

# A INCORRUPTIBILIDADE DA BONDADE DE DEUS E SUAS MANIFESTAÇÕES

Thauane dos Santos Cordeiro<sup>1</sup>

Lidiane Ribeiro de Souza<sup>2</sup>

## RESUMO

Os questionamentos quanto à bondade de Deus mediante as manifestações do mal no mundo são constates e contundentes já há muitos séculos, assim como é recorrente a afirmação de que Deus, como criador de todas as coisas tenha sido também o criador do mal, será isso uma realidade? Haveria dessa forma mal em Deus? A reflexão que se propõe ao longo deste artigo é que: uma vez sendo coerente em Si mesmo e naquilo que exterioriza, Deus, sendo o único bom, mantém-se, invariavelmente, conformado a essa natureza, isto é, sendo a bondade parte da essência de Deus, verifica-se, no mesmo, um caráter incorruptível: seu Ser e ações não cedem lugar à contaminação, antes, se conservam boas. Independente do que há no exterior, existe em Deus, uma natureza necessariamente boa, a qual se manifesta, de maneira infalível, sobre Sua criação. A respeito dessa natureza, que não só em sua essência é boa, mas também que se revela de modo equivalente discorrer-se-á, não velando os argumentos que procuram denegri-la, mas, uma vez expostos, vencidos, e sem esquecer-se de que aquela tem suas ramificações, será relatado brevemente sobre elas, ou seja, as formas com que a bondade de Deus é vista sobre as Suas criaturas. Portanto, teve-se como objetivo nesta pesquisa, analisar o atributo da bondade divina e suas manifestações. Para a fundamentação do conteúdo em pauta, esse artigo utiliza-se da metodologia de pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chaves:** bondade, incorruptível, manifestação.

## ABSTRACT

The questioning regarding the goodness of God in the face of manifestations of evil in the world has been constant and forceful for many centuries, just as the assertion that God, as the creator of all things, may also have been the creator of evil, is recurrent. Is this a reality? Would there be evil in God in this way? The reflection proposed throughout this article is as follows: once being consistent within Himself and in what He manifests, God, being the only good, remains invariably conformed to this nature. That is to say, since goodness is part of God's essence, an incorruptible character is found in Him: His being and actions do not yield to contamination; rather, they remain good. Regardless of what exists externally, there is a necessarily good nature in God, which manifests infallibly upon His creation. Concerning this nature, which is not only good in its essence but also reveals itself in an equivalent manner, we will discuss it without concealing the arguments that seek to denigrate it, but once exposed, defeated, and without forgetting that it has its ramifications, we will briefly report on them, namely, the ways in which God's goodness is seen upon His creatures. Therefore, the aim of this research was to analyze the attribute of divine goodness and its manifestations. For the foundation of the content at hand, this article employs the methodology of bibliographic research.

**Keywords:** goodness, incorruptible, manifestation.

---

<sup>1</sup> Graduada em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia e graduanda em História pela Universidade Federal da Grande Dourados.

<sup>2</sup> Mestre em Educação e Novas Tecnologias. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Aconselhamento e Gestão de Pessoas. Graduada em Ciências Sociais pela UFPR e em Teologia (SEMIB e FACETEN). Diretora de ensino e professora do curso de graduação e pós-graduação da Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). lidiane@faculdadebetania.com.br

## INTRODUÇÃO

A fim de explorar o caminho ao entendimento de um dos atributos de Deus, este trabalho deter-se-á à bondade; uma vez que ela é exposta desde o principio, em Gênesis 1, no julgamento do Senhor diante de tudo o que fez: “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gênesis 1:31, JFA), ela perpetua-se durante toda a Sagrada Escritura por meio de suas conotações, as quais são campo de estudo do presente trabalho. Todavia, não só isso, mas a elucidação da classificação e da natureza da bondade de Deus, assim como das controvérsias que cercam a mesma, são perspectivas de pesquisa desse artigo. Para o êxito do objetivo exposto, serve-se da metodologia bibliográfica.

Tendo em vista que os atributos de Deus, assim como Campos (2002, p.163) mensura e Erickson (1997, p. 105) confirma, estão em um patamar intrínseco a Sua natureza, isto é, sem os Seus atributos Deus deixaria de ser Deus, compreende-se, então, segundo Campos, que eles não são um acessório à Sua pessoa, mas a própria essência de Deus.

À alusão feita por Erickson quando aborda tal conceito, desemboca na pessoa de Adão: a santidade sobre a sua pessoa não lhe era um atributo, uma vez que ele a perdeu. Essa observação conversa com o mensurado anteriormente, visto que o mesmo autor declara uma visão de que os atributos são a natureza, a essência de Deus, e não uma soma de pedaços agregados a ela ou algo que se pode perder. Dessa forma, a bondade não deixa de existir em Deus, antes faz parte de sua essência.

### **1. A INABALÁVEL BONDADE DE DEUS SOBRE A PERSPECTIVA DA EXISTENCIA DO MAL NO HOMEM: UMA BREVE REFLEXÃO**

Com base nas palavras de Tiago, no primeiro capítulo de seu livro, tem-se a assertiva de que em Deus “não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tiago 1:17, JFA), logo um Deus que em sua essência é bom ou, em outras palavras, é necessariamente bom, não pode abrigar o mal ou até mesmo exteriorizá-lo. Com vistas a isso, o exposto a seguir buscará harmonizar a existência do mal com aquela essência de Deus, a qual não se corrompe ou muda, mas mantém-se necessariamente boa.

O fato de Deus ser bom não necessita de Seu esforço para o ser, Deus não se esmera, Ele é inevitavelmente bom; e isso, manifesta-se naturalmente em Suas ações. Não há outra opção; agir de outro modo seria ir contra quem Deus é (CAMPOS, 2002, p. 256). Se Deus, portanto, não pode agir de outra maneira sem ser boa e, como a Escritura bem lembra que, Ele não só é o criador de todas as coisas, mas também que tudo pode fazer (Apocalipse 4:11, JFA e Jó 42:2, JFA), a fim de manter-se fiel a sua natureza, que é necessariamente boa, Deus não pode ser a origem do mal e, conforme as citações bíblicas, ter-se-ia então, uma outra concepção do que é o mal, não como algo criado, pois Deus não pode fazer outra coisa além do que é bom, e como sendo conhecedor de todas as coisas (Salmos 147:5, JFA), a presença do mal no mundo, portanto, não é resultante da sua falta de poder por detê-lo, mas de um propósito maior, que é bom.

Haja vista o primeiro exposto, Callegaro (2010, p.68) pontua o pensamento de São Tomás de Aquino, o qual esboça que em razão da desobediência do homem, do pecado original (em Adão), o indivíduo decaiu de seu Criador, Daquele de quem procede e que é perfeito: Deus. Então, o mal se manifesta não como substancia, como algo criado, mas como a privação de um bem, que é Deus.

Faitanin (2006, p. 117) ainda cita que, em origem, o mal procede da investida do Diabo, que, uma vez rebelando-se contra Deus, incitou o homem a fazer o mesmo, e esse, não só sendo posto diante das mentiras em igualar-se ao Seu Criador, mas também de sua própria responsabilidade no agir, uma vez que conhecia a ordem de Deus, em seu livre arbítrio, volta-se contra o Senhor, cometendo pecado.

Tem-se então, uma queda, a qual Faitanin, em consonância com o exposto por Callegaro, acarretou em uma “natureza corrompida, mas não seria má enquanto natureza, e sim naquilo em que se degenerou.” (FAITANIN, 2006, p.120).

Assim, o mal no homem não é consequência do ato criador de Deus, mas, uma vez exercendo seu livre arbítrio, após desobedecer a Deus, ele sofreu a privação de um bem – que é Deus – passando a ter uma natureza corrompida.

Com vistas a um propósito maior da existência do mal, tem-se a glória de Deus. Todos os propósitos e alvos de Deus na criação (seja promover santidade, felicidade e providência, redenção) findam-se à Sua glória, à “manifestação das multiformes perfeições do Deus infinito” e isso, segundo Hodge, é contemplado em Suas ações, “tanto no castigo dos pecadores como na salvação dos crentes”

(HODGE, 2001, p.328). Erroll *apud* Shedd (2002, p.13) explica sobre isso que, no que se refere a ira e amor de Deus, “uma é despertada pela justiça e a outra pelo pecado”. Dessa maneira, segundo Erroll (2002, p.13) há a dependência de uma à manifestação da outra, isto é, “se não houver ódio pelo pecado, não haverá amor pela justiça”.

A glória de Deus, portanto, como propósito maior da existência do mal, visto no pecado, na miséria do homem, sacia-se em que, como Erickson menciona, no fato de Deus ser conhecedor de todas as coisas, e por isso Ele não julga ou atribui peso desigual ao que deveria ser, antes suas atitudes, uma vez guiadas por esse conhecimento, nunca serão o contrario do que é bom (ERICKSON 1997, p.119), mesmo quando, como exposto anteriormente por Hodge, os pecadores são condenados e os crentes salvos.

A existência do mal, em vista disso, não deprava a bondade de Deus, visto que o mesmo não é seu criador e todas as Suas ações, justas, voltadas para o propósito da manifestação de Sua glória, culminarão para a conservação dessa essência, necessariamente, boa de Deus.

Uma vez exposto um breve respaldo para a questão do mal, encontrar-se-á, logo após, os aspectos de como a bondade de Deus pode manifestar-se sobre a Sua criação.

## **2. A MANIFESTAÇÃO DA BONDADE DE DEUS**

Sendo Deus, necessariamente bom, às suas atuações concebe-se a presença de sua bondade, a qual tem sua característica própria e formas de manifestar-se. Dessa forma, não se trata de algo restrito ao Divino e distante da Sua criação, pelo contrario, faz-se presente nela, sentido e concebido.

Deus tem uma natureza pessoal, a qual se manifesta àqueles que não fazem parte do seu Ser; para essa característica dá-se o nome de “atributos comunicáveis”, os quais, conforme Campos (2002, p. 218) e ERICKSON (1997, p. 258) apontam, também são identificados na personalidade do homem. Visto isso, a bondade de Deus é classificada como um atributo comunicável e, como Jones menciona, refere-se ao ser perfeito de Deus que age “generosamente e de uma maneira benevolente” para com os seres por Ele criados. (JONES, 1997, p.101),

Sobre isso, não só Wiley e Culbertson (1990, p.118), mas também Dagg (1989, p.58) a descrevem através de uma única característica: proporcionar felicidade as Suas criaturas.

Verificar-se-á, portanto, duas formas primeiras de Deus manifestar sua bondade: de modo geral, proporcionando a felicidade descrita anteriormente, e de modo específico, como, por exemplo, autores como Grudem e Campos apresentam: na forma de graça; misericórdia; amor e paciência sobre o homem.

## **2.1 Bondade Manifesta de Modo Geral**

Ao fazer o mundo, mais especificadamente os seres que nele passaram a habitar, Deus proporcionou a eles o acesso a sua bondade: não há uma criatura sequer que esteja isolada da manifestação geral desse atributo.

Deus, o criador, conferiu as suas criaturas sensibilidade, ou seja, lhes proporcionou o prazer, a capacidade de satisfazer-se em algo. Uma vez tendo essa capacidade, Deus dotou o mundo de possibilidades a fim de que ela fosse satisfeita, em outras palavras, a criação de Deus pode desfrutar do prazer, através dos sentidos conferidos a ela, naquilo que Deus disponibilizou no mundo criado; como se infere no ato de alimentar-se, por exemplo: uma vez que os alimentos são ingeridos com o objetivo de sustentar o corpo, não haveria a necessidade de ter-se o prazer ao comê-los; Deus, todavia, o possibilitou (DAGG, 1989, p. 59). Para sumarizar, Hodge relata: “Assim como o universo está cheio de vida, também está cheio de deleite. [...] as manifestações de desígnio para produzir a felicidade” são notórias nos feitos de Deus. (HODGE, 2001, p. 322).

Sobre essa mesma ótica, de não apenas exercer, mas ter prazer ao fazê-lo, Dagg aponta para o “exercício da virtude e da religião”. Deus, ao fazer o homem, lhe possibilitou, além de inclinar-se às práticas religiosas, satisfazer-se nelas. E esse prazer, como o autor descreve, não só está acima de qualquer outro, mas também conforme cresce, proporciona ao homem um prazer, conseqüentemente, maior (DAGG, 1989, p. 59-60).

Cabe ainda elencar a menção feita por Jones sobre essa temática: às ações bondosas de Deus não se encontra discriminação: ao citar Mateus 5:45, o autor faz alusão aos benefícios como a presença do sol e da chuva sobre “maus e bons”,

“justos e injustos”; dessa forma, o ser bom, não depende das ações do homem, mas Deus sempre o é, sobre todos, de modo geral (JONES, 1997, p.103).

À vista disso, infere-se que a bondade de Deus esta em acesso para todo o ser por Ele criado. Nenhum ser pode sustentar a afirmativa de que não experimenta a felicidade ou prazer, vistos como a bondade de Deus, no mundo por Ele criado. Entretanto, há, também, maneiras próprias pelas quais esse atributo de Deus demonstra-se, e isso será referido a seguir.

## **2.2 Bondade Manifesta de Modo Específico**

Quando se externa aos homens pecadores, a bondade de Deus demonstra-se através das seguintes ramificações: graça, misericórdia, amor e paciência. Essas são formas cujo caráter revela-se salvífico, atuam sobre o indivíduo pecador conferindo-lhe bens dos quais não é digno.

### **2.2.1 A graça de Deus**

Porquanto se trata de um atributo comunicável, a bondade de Deus pode manifestar-se na forma de graça sobre o homem, trazendo benefícios que lhe são imerecidos, uma vez que sua condição não lhe confere direitos sobre os mesmos.

A bondade é refletida por graça quando Deus opera o Seu favor a alguém, e esse alguém, como vale ressaltar, não é digno de recebê-lo: trata-se de um pecador (SEVERA, 1999, p. 81), e como tal, merece apenas a punição de Deus (GRUDEM, 1999, p. 145). Não são, portanto, as praticas do indivíduo que lhe conferem mérito sobre a graça de Deus (JONES, 1997, p. 103), esse apenas a recebe deste e, ao ser favorecido por tal graça, o homem não necessita retribuir o favor de Deus (CAMPOS, 2002, p.303).

Um favor que, sendo comunicado ao homem, não se realiza só quando foi necessário operá-lo, pelo contrário, toda a ação de Deus que culmina no homem tirando-o da condenação, concedendo-lhe vida não só espiritual, mas também eterna, já se efetuou antes de qualquer coisa vir à existência. Não é a ocorrência súbita do pecado que estimula as ações em Deus a favor do homem, antes, Ele próprio, primariamente, agiu em graça para com suas criaturas, e, como Campos bem lembra o dizer do apóstolo João: Cristo é o “Cordeiro que foi morto desde a

fundação do mundo” (Apocalipse 13:8, JFA) (CAMPOS, 2002, p. 303-304). Para sumarizar, “a graça foi planejada antes de ser exercida” (PINK, 1985, p. 50).

Logo, a graça de Deus é ilustrada como a fonte “eterna e infinita”, da qual o homem recebe as bênçãos de Deus (JONES, 1997, p. 103). Pode-se, entretanto, acrescentar à característica eterna da graça, não só o seu caráter gratuito, mas soberano também. Visto isso, ambos seguem respectivamente.

Como mencionado, a graça tem caráter gratuito: Deus não pediu um ressarcimento da parte do homem em troca de Sua graça, pelo contrário, o homem é justificado gratuitamente por ela (Romanos 3:24, JFA); não sendo algo, portanto, que o indivíduo compra para obter, esse favor de Deus não conta juros, ele é dado livremente ao homem (PINK, 1985, p. 50).

No que diz respeito a soberania da graça de Deus, o apóstolo Paulo, em sua carta aos romanos (Romanos 5:21, JFA) escreve precisamente essa particularidade: a graça reina. Logo, é soberana: está acima de tudo, não existe nada que lhe seja superior, ela está sob o trono. (CAMPOS, 2002, p. 305). Tendo isso em vista, uma vez que debaixo do céu não há um justo se quer, não há quem faça o bem (Romanos 3:10-12, JFA), não existe alguém, quem quer que seja, no direito de reivindicar a graça de Deus, o próprio não encontra-se em obrigação de exercê-la. Deus, portanto, exercita sua graça sobre quem Ele deseja fazê-lo (PINK, 1985, p. 50-51).

Tal manifestação da bondade de Deus, destarte, reflete um favor projetado antes mesmo da existência das coisas criadas, concedido de forma gratuita, sem esmero e custo para homem, e atuante soberanamente, movido pelo desejo de Deus em exercê-lo sobre as suas criaturas.

### 2.2.2 A misericórdia de Deus

Haja vista o sofrimento do homem, suas penúrias e carências, a misericórdia de Deus, contemplada em sua bondade, encontra-se exteriorizada sobre essa circunstancia.

Se por um lado a graça de Deus volta-se para o homem como pecador, digno da condenação, a misericórdia considera-o em suas debilidades, isto é, atenta para os homens como “miseráveis, necessitados e carentes do perdão” (CAMPOS, 2002, p. 298). Infere-se da palavra “misericórdia” o conceito de “ter o coração na

miséria”, logo, trata-se, segundo os autores Campos (CAMPOS, 2002, p. 290) e Erickson, de uma inclinação de Deus, diante do estado de penúria do homem, à compaixão (ERICKSON, 1997, p. 125).

Longe de qualquer discriminação, Severa expõe a manifestação da misericórdia de Deus sobre todo o homem, independente de sua etnia, todavia ressalva que a misericórdia está sobre os que, singularmente, temem a Deus (SEVERA, 1999, p. 81). Campos, (CAMPOS, 2002, p.291-292) aliado a Pink (PINK, 1985, p.55), não apenas concordam com o exposto por Severa, como também especificam a nota do mesmo, isto é, ambos os autores acrescentam que Deus age, mesmo que temporariamente, com misericórdia sobre os, como o primeiro deles nomeia, “não-remidos”.

Com vistas ao primeiro posicionamento, Campos analisa o socorro de Deus em auxílio àqueles que são remidos, mas que se encontram, devido ao pecado cometido, em miséria. O autor sustenta esse posicionamento, por exemplo, sobre a experiência que Davi, diante da penúria resultante dos pecados que cometeu, clamou pela misericórdia de Deus. Dessa forma, alia-se a Severa no fato de que Deus “se compadece [ação oriunda da misericórdia] dos que o temem” (Salmo 103:13, JFA) (CAMPOS, 2002, p. 291). Pink acrescenta ainda que àqueles que herdarão a salvação, há uma misericórdia soberana, a qual é transmitida “por meio de uma aliança, através do Mediador.” (PINK, 1985, p. 55).

Justificando a misericórdia de Deus sobre os ainda não convertidos, Grudem apresenta o Salmo 73:1-17. Embora encontrados em ofensas contra Deus, o Senhor não imputa aos homens castigos assim que cometem pecado, antes, age com misericórdia, o que é visto no que diz respeito as bênçãos averiguadas sobre eles (como expresso no Salmo mencionado: prosperidade; saúde; são detentores de uma vida sem aflição, cheia de riquezas e felicidade), conclui-se, portanto, que Deus, por meio de sua misericórdia suporta, ainda que por um curto espaço de tempo as transgressões cometidas, conferindo aos “não-remidos” o acesso as Suas bênçãos (CAMPOS, 2002, p. 291). Pink não só expõe essa duração da misericórdia de Deus sobre os descrentes, mas também argumenta que Deus a exerce de forma soberana: como o ser supremo, não é coagido a agir por causa de nada, logo, “a misericórdia provém unicamente da vontade soberana de Deus” (PINK, 1985, p. 55).

Existe ainda, além dessas duas manifestações da misericórdia de Deus sobre os seres humanos, uma que ocorre sobre a criação em geral. Além de ter

compaixão, Pink e Campos expõem que Deus supre as carências de suas “criaturas irracionais”. Ao fazer menção ao Salmo 145:8-9, Campos explica que embora a devastação do mundo poderia ser algo digno da parte de Deus, uma vez que há as ações pecaminosas do homem, o mesmo não tem aquela ação, visto que além de ser “tardio em irar-se”, como o Salmo apresenta, externa sua misericórdia através de suas obras. Desse modo, por ser bom, Deus atua por meio da sua misericórdia, como o provedor, como aquele que cuida da sua criação (CAMPOS, 2002, p. 291).

A misericórdia de Deus, à vista disso, trata-se da particularidade da bondade de Deus que direcionada ao homem e a criação, que se verificam em estado de miséria, em fragilidade e necessidade, gera em Deus ações que concedem as suas criaturas – o homem e a criação em geral – o auxílio, amparo e cuidado.

### 2.2.3 O amor de Deus

Ao abordar sobre o amor de Deus, Hodge destaca a presença da “complacência e deleite” que Deus tem sobre seu objeto (HODGE, 2001, p. 322), enquanto Severa reflete isso através do que identifica nas palavras: inclinação a dar e anseio por receber (SEVERA, 1999, p. 80). Isto é, não há apenas as ações de Deus em entregar algo para o alvo de Seu amor, mas também é de Seu desejo ter aquele a quem ama.

Haja vista a assertiva de Hodge, o fato de Deus experimentar certo contentamento em sua criação (complacência) é expressão à controvérsia, uma vez que, ao mensurar os apontamentos de Bruch, por exemplo, isso implicaria em passividade da parte de Deus, em Sua dependência dos seres por Ele criados, e tal situação não condizer-ia com a “natureza de Deus como um Ser Absoluto”. Logo, o que se tem a respeito do amor em Deus, segundo Bruch, é apenas uma ação Dele que garante “o desenvolvimento do universo racional” (HODGE *apud* Bruch, 2001, p.323) ou ainda conforme Schleiermacher, algo que possibilita apenas a Sua comunicação com o homem (HODGE *apud* Schleiermacher, 2001, p.323).

Todavia, segundo Campos, a existência do amor no homem só é real porque esse o recebeu da parte de Deus (CAMPOS, 2002, p. 262), dessa forma, entre a possibilidade do amor em Deus ser apenas algo que o leve a assegurar o progresso de Sua criação, comunicar-se com o homem, longe de qualquer emoção e a real existência do sentimento “amor” em Deus, verifica-se, conforme Hodge, que a

primeira alternativa esta em descrédito, uma vez que a própria Escritura faz comparações dos sentimentos do homem com os de Deus; não só solicita para que os cristãos amem-se uns aos outros, mas também relata que eles bem sabem do amor que Deus têm por suas vidas, além de apresentar que o amor não apenas procede, mas também que Deus é amor (Salmos 103:13, JFA, 1 João 4:7-11, JFA) (HODGE, 2001, p. 323-324). Em consonância com aquele ato de Deus em comunicar-se com o homem, Severa ainda expõe que o amor é visto nas ações de Deus não só para ter o homem em Sua presença, mas também para proporcioná-lo o bem (SEVERA, 1999, p. 79).

“Deus é amor” (1 João 4:8, JFA), esse foi o pronunciamento do apóstolo João, entretanto, isso não implica na obrigação de Deus em externar seu amor à humanidade, mas sim na concepção de que “o amor é essencial em Deus”; e somente Nele, logo, o homem não tem o amor concernente em si mesmo, antes o tem derivado de Deus (CAMPOS, 2002, p. 262).

Contudo, o amor em Deus não é apenas essencial, mas também, como Severa e Campos afirmam, é eterno, visto que Deus manifesta seu amor a si mesmo, em outras palavras: as pessoas da trindade. Segundo Campos, dá-se a essa forma de amor o nome de *ad intra*, por ser, além do exposto por Severa (eterno), interno, ou seja, é intratrinitário: verificado no amor que Deus Pai tem pelo Filho; que o Filho tem pelo Deus Pai; no “amor do Espírito” e como Severa expõe, no amor que era exercido antes fundação do mundo (João 17:24, JFA).

Todavia, há também o amor chamado de *ad extra*, que o ser divino manifesta para o exterior de si, sobre os homens pecadores. (SEVERA, 1999, p. 80) (CAMPOS, 2002, p.263).

Diante do exposto, a bondade de Deus manifesta-se na forma do amor primeiramente sobre a trindade. Ao ser exteriorizado, esse amor demonstra-se ao homem, não só quanto ao sentimento presente de Deus em sua vida, mas nas ações do mesmo em cuidar não só dos seres racionais, mas do universo de modo geral.

#### 2.2.4 A paciência de Deus

Com vistas às demonstrações de Deus nas Escrituras como alguém que é longânimo quanto a exercer Sua ira sobre aqueles que a merecem, a bondade de

Deus encontra-se manifesta sobre essa circunstancia expressa na forma de paciência.

Packer menciona como paciência de Deus, a Sua ação bondosa em retardar a devida punição sobre os homens pecadores, com vistas a dar-lhes maior chance de arrependimento. Para essa “devida punição”, sua justificada encontra-se em razão da impiedade do homem, a qual, como Erroll exprime, “afeta o próprio ser e caráter de Deus, ela provoca sua ira” (PACKER, 1980, p.150) (ERROLL, 2002, p.11). Mas, embora provoque a ira de Deus, contrastando com o homem que não tem domínio sobre seus próprios sentimentos, Deus o tem, e através do Seu poder, tem a capacidade de dominar-se; assim, como é visto através do pedido de Moisés ao Senhor, o líder do êxodo dos israelitas solicita a Deus “a manifestação da sua força, para que Ele seja paciente com o povo”, mesmo esse estando, naquela ocasião, em desobediência (Números 14:16-19, JFA) (CAMPOS, 2002, p. 276).

Haja vista essa paciência de Deus, ou nas palavras de Jones, o fato de Deus suportar, ser longânimo, ter tolerância sobre aqueles que merecem o juízo imediato (JONES, 1997, p. 104), é resultado, segundo Campos, do desejo de Deus de que nenhum dos Seus se perca, mas que todos venham a arrepender-se (2 Pedro 3:9, JFA); e, ao arrepender-se, venham a atingir o propósito final do anseio de Deus a salvação do homem (CAMPOS, 2002, p. 277).

O fato de Deus ser paciente, segundo Campos, não implica que Ele não vá manifestar sua ira, Erroll ainda destaca que ela é manifesta todo o dia; dessa forma, uma vez tendo o controlo sobre si mesmo, como exposto anteriormente, Deus é paciente com o homem quando, ao ter domínio sobre seus sentimentos, demonstra sua ira sobre o mesmo não como merecido, como por exemplo, Esdras relata em sua oração (Esdras 9:13, JFA), mas de forma gradativa e moderada, a fim de que o homem chegue ao arrependimento e não seja consumido, caso o juízo de Deus caísse sobre si em sua totalidade (CAMPOS, 2002, p. 281-282).

Dessa forma, quando a bondade de Deus manifesta-se proporcionando ao homem chegar ao arrependimento, através de situações em que esse experimenta a ira de Deus de forma gradativa, ou é “poupado” ao recebê-la de modo inferior ao merecido, verifica-se então a demonstração da paciência de Deus.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o intento de elucidar a incorruptibilidade da bondade de Deus, a assertiva de que o fato de ser necessariamente bom, independentemente do que julgam afirmar, permanece inalterado. Ser bom faz parte da natureza de Deus, essa é sua essência, a qual é manifestada sobre o homem, infalivelmente, em seu benefício.

Haja vista a fonte incorruptível da bondade de Deus, não há o que possa desembocar nela que dê lugar à contradição, em outras palavras, é tido como utópico, sequer a possibilidade de, algo que desaguando nas águas que emanam dessa fonte, possa contribuir à alteração de sua essência; dessa forma, ao pincelar sobre as águas turvas que atribuem o mal à criação de Deus e sua falta de poder por detê-lo, verifica-se que além de não ser uma substância, para ter sido criado, o mal na humanidade provém da queda do homem, o qual após ter desobedecido a Deus, sofreu uma privação do bem – Seu Criador. O homem passa, então, a ter uma natureza adulterada, na qual a ausência do bem implica na existência do mal.

Sobre a suposta falta da capacidade de Deus por deter o mal, encontra-se que esse, uma vez presente, culmina à manifestação de Sua glória – o bem maior, pois sendo esse o propósito maior de Deus em Sua criação, a existência do mal contribui para aquilo que é bom também esteja manifesto; assim, da mesma forma que, por exemplo, sem o ódio pelo pecado, não haveria a justiça de Deus, o homem em contraste com o mal, tem o acesso ao bem. Sobre isso, nas inclinações do indivíduo para o mal ou bem, suas atitudes sofrerão o julgamento do justo Deus, o qual expõe sua bondade através de uma análise imparcial sobre as ações do homem, culminando assim, em seu alvo supremo: a Sua glória.

Inserida está a bondade de Deus em todas as Suas obras e, no mundo por ele criado, em acesso a toda Sua criatura. Há manifestação da bondade ao ser proporcionado benefícios aos indivíduos como a satisfação, encontrada no simples ato de alimentar-se ou no exercício da religião, bem como em bênçãos que Deus através da natureza (chuva e sol) confere, indiscriminadamente, a todos os homens, sejam eles corretos ou não, diante de Deus.

Porém, esse atributo de Deus não só se expressa de modo geral, mas também se encontra destinado ao homem pecador conferindo-lhe bens específicos, os quais caminham com um fim comum: a sua salvação. Exposto dentro desses benefícios encontra-se: a graça, favor de Deus que o homem não merece receber, mas que uma vez derramado sobre si, gratuitamente, confere-lhe a vida com Deus;

misericórdia, as ações de Deus que confere a toda Sua criação (seres racionais e irracionais), uma vez estando em um estado de necessidade, o amparo e suprimento; o amor, o qual Deus comunica primeiramente entre a trindade e posteriormente ao coração do homem, demonstrando ainda sobre esse Seus cuidados e por fim a paciência, benefício concedido ao homem que o oportuniza, através de uma demonstração gradativa e inferior ao que esse merecia da ira de Deus, chegar ao arrependimento.

Mediante o presente artigo, têm-se as expectativas de que a natureza da bondade de Deus permaneça concebida com seu caráter incorruptível, permeando-se sobre todos os feitos do Senhor e sua criação; bem como a consciência de sua manifestação, a qual está sobre todos e operando benefícios em prol da salvação do homem.

Através dessa concepção, não apenas em uma vivência particular, mas também para as atuações em um âmbito ministerial, encontrar-se-á alicerce à compreensão e exposição da fé em um Deus invariavelmente bom; em outras palavras, a lúcida introspecção do indivíduo no que tange os temas aqui tratados encaminhá-lo-a ao crescimento de sua vida de fé e, conseqüentemente, uma vez exercendo autoridade sobre vidas, as conduzirá, não induzindo ao erro por controvérsias, mas à verdade, proporcionando não só aquele mesmo crescimento a elas, mas também a capacidade de defenderem suas crenças em um Deus que não muda, antes, subsiste, necessariamente, bom.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CALLEGARO, Ronaldo. **A Doutrina do Mal em Santo Tomás de Aquino**. Disponível em: [http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/RonaldoCallegaro\(66-75\).pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/RonaldoCallegaro(66-75).pdf). Acesso em: 17/10/2017.

CAMPOS, Heber Carlos. **O Ser de Deus e os Seus Atributos**. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

DAGG, John L. **Manual de Teologia**. São Paulo: Editora Fiel, 1989.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

ERROLL, Hulse. **Fé para Hoje: A Realidade da Ira de Deus**. N. 15, São Paulo: Editora Fiel, 2002.

FAITANIN, Paulo. **O Mal como Privação do Bem em São Tomás de Aquino**. Disponível em: <http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/artigo-paulo-faitanin-o-mal.pdf>. Acesso em: 17/10/2017.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

JONES, Dr. Martyn Lloyd. **Deus o Pai, Deus o Filho**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997.

PACKER, J. I. **O Conhecimento de Deus**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1980.

PINK, A. W. **Os Atributos de Deus**. Carolina do Norte: Bible Truth Depot, 1985.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de Teologia Sistemática**. Curitiba: A.D. Santos, 1999.

SHEDD, Russell P. **Bíblia Sagrada: Apocalipse 4:11**. São Paulo: Vida Nova; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

SHEDD, Russell P. **Bíblia Sagrada: Gênesis 1:31**. São Paulo: Vida Nova; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

SHEDD, Russell P. **Bíblia Sagrada: Jó 42:2**. São Paulo: Vida Nova; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

SHEDD, Russell P. **Bíblia Sagrada: Salmos 147:5**. São Paulo: Vida Nova; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

SHEDD, Russell P. **Bíblia Sagrada: Tiago 1:17**. São Paulo: Vida Nova; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

WILEY, H. Orton; CULBERTSON, Paul T. **Introdução à Teologia Cristã**. São Paulo: Casa Nazarena de Publicações, 1990.